



CAMINHOS E PERCURSOS DOS SENTIDOS: EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO POÉTICA NO SOBRADO DR. JOSÉ LOURENÇO

Sara Vasconcelos Cruz
UFPB

Resumo

Entre os anos 2012 e 2013, propomos ao Sobrado Dr. José Lourenço, em Fortaleza, a mediação poética como recurso para educação inclusiva. Com a criação da “mala dos sentidos”, uma caixa com recursos multissensoriais e interdisciplinares construída junto aos educadores do espaço, objetivávamos uma mediação mais lúdica das exposições de arte. Os objetos da mala estavam relacionados à exposição em cartaz e permitiam aos visitantes uma intimidade sensorial com a obra e seus elementos. Visamos então mostrar como se deu a elaboração e a aplicação desse material na exposição Caminhos e Percursos (2012).

Palavras-chave: Mediação poética, Mediação cultural e Sobrado Dr. José Lourenço.

Abstract

Between 2012 and 2013, the poetic mediation was proposed to the Sobrado Dr. José Lourenço in Fortaleza as a resource to inclusive education. With the creation of the “suitcase of senses”, a box with multisensory and interdisciplinary resources, built with the educators of the space, a more ludic exposition of art was aimed. The objects in the suitcase were related to the exposition on display and allowed the visitors a sensory with the artwork and its elements. This work aims to show how the elaboration and application of this material took place in the exposition Caminhos e Percursos (2012).

Keywords: poetic mediation, cultural mediation, Sobrado Dr. José Lourenço.

1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma experiência de mediação cultural no Sobrado Dr. José Lourenço, espaço cultural localizado em Fortaleza (CE), durante a exposição *Caminhos e Percursos*, do artista Hélio Rola, em cartaz no ano de 2012. Essa experiência em questão fez parte da pesquisa de campo da autora para sua monografia de especialização em Educação Inclusiva na Universidade Estadual do Ceará, em 2013.

Entre os anos de 2012 e 2013, trabalhamos a formação dos educadores do Sobrado para a recepção de grupos de pessoas com deficiência, focando em áreas como leitura de imagens, mediação inclusiva, mediação poética e recursos multissensoriais. Essa formação levou à elaboração da chamada “Mala dos Sentidos”, que consistia em uma caixa com objetos relacionados às obras expostas no Sobrado e que poderiam ser manuseados pelos visitantes. Objetivávamos assim, oferecer ao público uma visita mais lúdica e ampliar a leitura das obras, prioritariamente visual, para os demais sentidos, tentando fazer do Sobrado um espaço de construções afetivas e que pudesse incluir a todos.



A experiência a ser narrada neste artigo conta sobre a visita de uma escola particular ao espaço, com alunos de 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Apesar do trabalho ter como objetivo a inclusão de pessoas com deficiência, focaremos, neste artigo, no uso do material lúdico, visando demonstrar como a mediação poética e os recursos multissensoriais podem auxiliar nas leituras das imagens por todos os visitantes, não restringindo nosso trabalho a um público em particular.

2 Início do percurso: formação e processos de mediação

O espaço expositivo é, em si, um espaço educativo, caracterizado como espaço de educação não-formal, que atua focado nos processos de mediação cultural. Na mediação, o diálogo do público com a obra ou o artista visitado é mediado pelo educador, cuja função é criar ambientes propícios à construção do conhecimento e ao questionamento diante da obra de arte. A criação desses ambientes nos interessava muito, pois a educação não-formal nos traz como desafio criar ambientes educativos diferenciados da escola, onde os conhecimentos prévios dos visitantes e sua cultura devem ser a base para o diálogo com o educador e as leituras das obras – assim mesmo no plural, pois compreendemos as possibilidades de leituras de cada obra como diversas, pessoais e mutáveis.

Durante pesquisa de especialização no curso de Educação Inclusiva na Universidade Estadual do Ceará, a autora voltou seu olhar para a mediação realizada no Sobrado Dr. José Lourenço, espaço cultural de Fortaleza. Construído na segunda metade do século XIX, o Sobrado é um prédio tombado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará e expõe periodicamente a produção de artistas deste e outros estados.

No intuito de tornar a mediação no Sobrado mais acessível a grupos de pessoas com deficiência, a autora propôs formações contínuas aos educadores sobre mediação inclusiva. Como propostas, tínhamos a mediação poética e o recurso multissensorial a ser utilizado durante essa, chamado “Mala dos Sentidos”.

A Mala consiste em uma caixa com recursos multissensoriais e interdisciplinares construída coletivamente com os educadores do Sobrado, na qual diversos objetos relacionados a obras, séries ou exposições em cartaz foram disponibilizados ao público no intuito de permitir a esse explorar de forma mais íntima, experimental e criativa os elementos da obra de arte. Tínhamos por objetivo facilitar a experiência estética do visitante, apelando para sentidos outros além da visão e, assim, tentando reforçar a internalização dos conceitos abordados durante a visita.



A mediação poética constitui uma forma de mediar o diálogo público-obra com o uso de materiais ou atividades de cunho lúdico, além de criar um espaço afetivo para a visita. Os materiais usados proporcionam um apoio lúdico-pedagógico às visitas, ampliando as possibilidades de leitura da obra de arte.

A mediação poética norteou a criação da Mala dos Sentidos no Sobrado e sua aplicação. Partimos do conceito empregado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo onde se entende por mediação poética:

A partir das respostas dos grupos, se pertinente, os educadores realizam atividades lúdico-educativas que buscam concretizar, tornando vivenciais, conteúdos do universo da arte tratados de maneira perceptiva ou cognitiva durante a visita ao acervo. Essas atividades, chamadas propostas poéticas, podem envolver atividades plásticas e expressivas, e são desenvolvidas pelos próprios educadores, durante suas pesquisas de mediação¹.

A mediação poética propõe um novo diálogo entre o público e a obra, pois proporciona uma vivência mais apelativa aos sentidos. Podendo ser usada com públicos diversos, essa mediação requer, como qualquer outra, que se leve em conta as experiências anteriores de cada público além das suas singularidades culturais. Sobre isso, podemos citar: “Para a experiência estética, o que interessa é a construção de significados pelo sujeito-contemplador – criança ou adulto -, portanto, a escuta deveria ser a base para a mediação” (LEITE, 2005, p.30).

3 O caminho: elaborar

A metodologia escolhida para a realização dessa pesquisa foi a de pesquisa intervenção, pois tínhamos como principal objetivo buscar a transformação da realidade dos processos de mediação cultural do Sobrado. Além disso, contávamos com a participação ativa dos educadores do espaço na elaboração do material e na mediação em si.

Após conversas e leituras sobre as particularidades do trabalho com mediação cultural e mediação inclusiva, partimos para o planejamento da nossa Mala dos Sentidos. Tínhamos por objetivo que os materiais colocados na mala aproximassem os visitantes das obras expostas.

Na época, estava em cartaz a exposição *Caminhos e Percursos* (2012), que fazia uma retrospectiva da obra do artista cearense Hélio Rola. Para planejar nossa mala, percorremos a exposição nos perguntando sempre que outros sentidos poderíamos despertar para ler essa ou aquela imagem.

¹ Disponível no portal da Pinacoteca do Estado de São Paulo: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacotecapt/default.aspx?mn=592&c=1053&s=0&friendly=visita-educativa>>; último acesso em 20 de abril de 2015.



Selecionamos alguns aspectos importantes para o material disponível na mala com base na proposta do Programa “Museu e Público Especial”, desenvolvido por Amanda Tojal no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (TOJAL, 1999, p. 25):


- Materiais táteis e visuais, que podem ser reproduções das obras expostas ou de seus elementos, ou apenas fazer referência a esses;
- Objetos que possam ser manipulados;
- Materiais que explorem os sentidos, apresentando texturas, cores, temperaturas, sons ou odores da obra ou de elementos dessa;
- Reproduções ampliadas de elementos ou partes das obras;
- Objetos que tornem a visita mais lúdica e interativa, tais como lupas, lunetas, dobraduras, fantasias etc.



Elaboração da Mala dos Sentidos junto aos educadores do Sobrado (2012). Foto: Viktor Braga

A Mala deveria trazer ao público a possibilidade de questionar-se sobre a obra e de tê-la próxima aos sentidos e ao seu corpo. Isso só seria possível, claro, com a criação de espaços próprios para esse uso, ou seja, através da mediação poética e, portanto da afetividade. Segundo Argolo: “Como educadores, cabe-nos criar espaços afetivos para que atitudes sejam exercitadas, conhecimentos sejam produzidos e aprendidos e novas perguntas sejam estimuladas e acolhidas” (ARGOLO, 2005, p.83).

A afetividade nos processos de mediação cultural está diretamente ligada à vivência que se terá no ambiente do museu, pois se desenvolve, segundo afirma Leite (2012), “com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação”. Faz-se, assim, indispensável para a educação em todos os seus espaços. Podemos conceituar a afetividade como algo que “além de envolver



um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão” (Dér, 2004, p. 61).

Para relacionarmos as obras de Hélio Rola com os objetos da Mala dos Sentidos, abordamos a sinestesia como elemento recorrente no trabalho do artista, pois esse é conhecido por questionar bastante a poluição sonora e visual na cidade de Fortaleza, colocando em suas pinturas e colagens elementos como aviões e carros. Nossa mala trazia, então, brinquedos populares como miniaturas dos meios de transporte, barquinhos de papel, lupas, caixas de som com gravações de ruídos e uma reprodução em feltro da série *Charada*, além de outros materiais.



Série Charada, Hélio Rola (2012). Foto: Bianca Araújo



Foto do jogo de Feltro (2012). Foto: Viktor Braga

Escolhemos os materiais de forma que pudéssemos trabalhar de diversos modos com eles, sem regras, ampliando as possibilidades de cada objeto como mediador da experiência estética de cada público.



Quanto ao momento ideal para ser utilizado esse material multissensorial, Amanda Tojal aponta, em sua dissertação, o final da visita:

Como forma de conclusão e síntese do trabalho realizado no espaço expositivo, encontram-se as atividades práticas, que poderão ocorrer após a visita à exposição. Estas atividades permitem que o público possa explorar de forma experimental e criativa materiais, técnicas e poéticas pertencentes aos objetos apresentados, além de contribuir para uma avaliação mais efetiva tanto do trabalho realizado pelos educadores como também dos conteúdos assimilados pelos participantes durante a visita. (TOJAL, 1999, p.27)

Nós, entretanto, propomos que essas atividades sejam realizadas no decorrer da visita, pois acreditamos que a vivência multissensorial durante a mediação é o que faz da nossa proposta mais lúdica. Acreditamos que o diálogo pode se ampliar em contato com a obra e que a vivência da atividade e do próprio objeto mediador multissensorial torna-se mais ampla nesse contexto.

Assim, diante da obra, ou mesmo durante toda a exposição, nossa proposta era que o educador se sentisse à vontade para realizar a visita de forma a visar uma melhor compreensão dos temas abordados e do espaço museal pelo seu público.

4 Mala dos Sentidos: ponto de partida para novos questionamentos

761

*A arte é contestação, é um processo dinâmico,
que faz surgirem mundos novos de realidades não imaginadas.*
Ivone Richter



Mala dos Sentidos (2012). Foto: Sara Vasconcelos.

Em 05 de outubro de 2012, recebemos no Sobrado um grupo de quarenta crianças com idades entre 8 e 9 anos, que cursavam o Ensino Fundamental em uma escola particular de Fortaleza.



As crianças estavam empolgadas e se esforçavam por registrar cada momento em câmeras e *smartphones*. Sugerimos então que ficassem à vontade para fotografar o que achassem de mais interessante na primeira sala visitada e, em seguida, mostrassem as fotos para os colegas, destacando o que mais lhes chamou atenção em cada uma e por que haviam fotografado essa ou aquela.

Em seguida, a educadora pediu que todos sentassem no chão para que falássemos um pouco sobre o artista. Nesse momento, sugerimos que, mediante as imagens que tinham feito, cada criança falasse o que imaginava sobre esse artista. Foi interessante notar que as próprias crianças fizeram uma leitura de que as obras eram “barulhentas” – uns apontavam isso pelos elementos, outros pelas cores.

Observamos ainda que houve pouca interação das crianças com os objetos não-artísticos da exposição. Muitas tiraram fotos das obras emolduradas, mas, quando perguntadas do porquê de terem escolhido essa ou aquela obra ou objeto, alguns não conseguiam responder. Um dos meninos chegou a falar: “Tirei foto da arte”. É arte porque está emoldurado e exposto? Poucos escolheram fotografar algo além das obras expostas, conferindo a essas uma dimensão diferente dos objetos do seu cotidiano, como nos afirma Richter: “ao reconhecer uma ideia ou objeto como artístico, confere-se ou reconhece-se uma ‘especialidade’ que coloca o objeto ou a atitude em uma esfera diferente dos objetos comuns” (RICHTER, 2003, p. 22).

Trouxemos então a Mala dos Sentidos. Perguntados se sabiam o que havia ali, alguns ousaram apontar “mais arte” e houve quem não disfarçasse a decepção quando viu ali objetos tão cotidianos. O que nos remete a um questionamento para desenvolver a posteriori: o que se espera do museu e, principalmente, o que se espera do museu de arte? O referencial que cada sujeito constrói sobre arte e cultura é fruto de sua vivência anterior. Como afirma Richter: “Mesmo a arte dos museus foi um dia arte do cotidiano”; e só foi arte depois que alguém a percebeu com outro olhar (RICHTER, 2003, p. 122).

Com a Mala aberta, pedimos às crianças que relacionassem os objetos com as obras observadas. O mesmo foi feito com os ruídos que ouvíamos nas caixas de som. A partir dessas conclusões, começamos um jogo com as peças de feltro, explorando a sinestesia e propondo uma abordagem multidisciplinar da obra.

A turma foi dividida em duas equipes, onde uma tinha que “pintar” com as peças de feltro um quadro barulhento, enquanto a outra fazia um silencioso. O mesmo número de objetos e os mesmos elementos foram dados a cada grupo; nesse momento, foi permitido às crianças criar livremente.



Ao final, todos observaram os dois quadros construídos com feltro e cada equipe disse o que achou do trabalho da outra e explicou o raciocínio do grupo para compor o quadro silencioso e o barulhento. As crianças mostraram que, apesar de usarem os mesmos elementos, a forma como organizaram, as cores e o contexto em que inseriram cada elemento davam à “pintura” características barulhentas ou silenciosas.



Crianças e o jogo de feltro (2012). Foto: Luciana Rodrigues

5 Considerações finais

O tipo de mediação proposto ao Sobrado, a mediação poética, permitiu que nos aproximássemos do público por meio de atividades lúdicas e criando ambientes afetivos para o diálogo com as obras expostas. As atividades foram propostas durante a mediação ou no seu início, o que nos mostrou ser bastante positivo, pois as crianças mostraram-se mais atentas no restante da visita, conforme observaram alguns educadores.

As relações estabelecidas com os objetos disponíveis na mala nos levaram a refletir sobre a importância de nos aproximarmos da cultura do visitante para mediar a sua leitura de obra. As crianças, num primeiro momento, identificavam os objetos já conhecidos nas obras, como barcos, carros, aviões... E, pela sua experiência prévia, apontavam as obras como “barulhentas” ou identificava o estilo do artista, percebendo suas singularidades, como a questão da poluição sonora, tão presente na obra de Hélio Rola.

A leitura da imagem não era mais somente visual. Com elementos disponíveis ao toque, à manipulação e à escuta, a obra era percebida pelo corpo todo, uma imagem que todos os sentidos poderiam ler. Assim, criava-se uma relação íntima do corpo com a arte, permitindo aos visitantes uma experiência sinestésica, onde o toque nos transmite uma sensação, o cheiro nos traz outra, o aspecto visual nos desperta memórias...



Além disso, apontamos também como crucial que os educadores e o museu como um todo criem ambientes onde a afetividade e a emoção permitam e guiem essas leituras. Precisamos valorizar a experiência sensorial e afetiva do público, facilitando o diálogo.

Não há um limite de materiais para a Mala dos Sentidos, ela está em constante elaboração e produção. É essencial que os materiais não tenham regras de uso e que não se esgotem em si mesmos, mas que estejam abertos sempre a novas propostas e explorações sensoriais, pois cada leitura é uma nova experiência, traz novas informações e percepções. A visita ao museu, ou melhor, dizendo, o contato com a arte, não deve nunca esgotar-se de questionamentos. É uma leitura constante e a cada novo contato com a obra, somos capazes de vivenciar novas experiências estéticas e poéticas. A arte é um questionar-se constante.

Compreendemos ainda que as atividades propostas acabaram por incentivar uma visita mais autônoma à exposição, pois facilitaram a aproximação com os elementos das obras e, assim, permitiram leituras diversas. A autonomia é fundamental para a leitura de imagem, pois permite que as pessoas despertem seus próprios questionamentos, percepções e memórias sobre o que é visitado.

Temos muito ainda por construir no que se refere à mediação poética e aos recursos multissensoriais. Pretendemos ampliar a discussão sobre os espaços afetivos no museu e as leituras sinestésicas das obras de arte. Sabemos, pois, que a pesquisa não se encerra em si e que traz sempre novos caminhos a serem percorridos.

Referências Bibliográficas

ARGOLO G. S, Olhares e saberes do encontro com a arte, In: LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana E, (orgs.) **Museu, Educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com a arte.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

DÉR, L. C. S. A constituição da pessoa: a dimensão afetiva. In A. A. Mahoney, & L. Almeida (Orgs.), **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEITE, M. I. e OSTETTO, L E., (orgs.) **Museu, Educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com a arte.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. Dossiê Afetividade e cultura. **Temas psicol.** vol. 20. nº 2. Ribeirão Preto, dez. 2012. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2012000200006&script=sci_arttext&tlng=pt. > Acesso em: 26/04/2015.

ISSN 2316-6479 | DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

TOJAL, A. P. **Museu de arte e público especial**. São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado em Artes. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1999.

Minicurrículo

Sara é graduada em Artes Plásticas pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE) e graduanda em Artes Visuais pela mesma instituição. Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro da Rede de Educadores em Museus do Ceará.